

Um anno de musica

(1924-1925)

Quando um dia Spencer se lembrou de pôr a alma, resequida pelo contacto amargo das verdades aridas da philosophia, em comunicação com o mundo irreal, phantasiOSO da Arte, teve para com a musica —sem duvida, de todas as suas manifestações a mais intima e decerto a mais expressiva em certos casos— palavras que são um verdadeiro hymno de louvor a essa magica floração do espirito, distribuindo-lhe um dos papeis mais altos entre os movimentos da vida. Elle disse, por exemplo :

«A musica não tem por unico fim occasionar-nos um prazer. São mais vastos os seus destinos. Cumpre-lhe cooperar para a progressiva evolução das sociedades, minorando o desasocego, a discordia, o preponderante antagonismo dos interesses e ampliando de modo mais efficaz que qualquer das outras artes os nobres e puros sentimentos, isto é, o enthusiasmo e a sympathia, as duas misericordiosas benções que Deus concedeu á terra.»

De facto, o poder da musica é tamanho que almas ha para quem a visão interior e a faculdade de crear são mais difficeis e até em certos casos impossiveis sem a clara luz, o sereno impulso do seu incentivo magico.

O gosto pela musica pode não ser por si só uma affirmação de superioridade, mas é sempre um signal seguro para denunciar as tendencias requintadas e a delicadeza de inclinações que são sempre características dos espiritos superiores. O que se dá com os indivi-

duos dá-se mais ou menos com as sociedades e, deste modo, meio onde a musica tenha um logar preponderante entre as diversões e os habitos correntes é certamente um meio susceptível de se ennobrecer, de se perfectibilisar.

Sob esse ponto de vista vae Lisboa, felizmente, caminhando numa estrada progressiva e bem illuminada de consoladoras esperanças. Lisboa, a Lisboa banal dos gatos vadios e dos politicos, mas que é tambem —e louvado seja Deus por isso!— a Lisboa do sol e dos pregões, das pombas e dos pardaes, revela de dia para dia um mais apaixonado e accentuado desejo de se educar, de se aperfeiçoar, de elevar o seu nivel esthetico pelo impulso bemfazejo e purificador da musica. Os concertos succedem-se, multiplicam-se; os executantes pululam e dia a dia surgem nesse campo novas revelações, talentos que se impõem, capazes de nos honrar, seja em que meio fôr, ainda o mais exigente; os compositores libertam-se pouco a pouco da influencia estagnante, perniciosa, do estrangeirismo e do Fado, e começam a fixar os moldes da tonalidade nacional no aproveitamento dos themas populares. E a nossa cultura musical avança, ganha em elevação de gostos, em nobreza e serenidade de processos de analyse, em exigencia de espirito critico. E Lisboa toca, Lisboa canta, Lisboa sonha, escuta e applaude, deixando-se afogar numa onda larga, constante e embaladora de harmonias. E se não, vejamos.

Lançando um olhar retrospectivo, encontramos no anno musical findo innumeras novidades de bom gosto e iniciativas de alto valor, se bem que —forçoso é confessa-lo— contrabalançadas por exhibições, cujo nivel esthetico deixou bastante a desejar.

D'entre os acontecimentos da epocha um ha que destacar e que sobreleva a todos os outros em altura de pensamento, em superioridade de significação artistica —a audição integral, pela primeira vez levada a effeito em Portugal, da *Nona Symphonia*, de Beethoven. Ouvir a *Nona Symphonia* é d'algum modo transpor as portas do Paraizo; é receber um baptismo de Arte, que para toda a creatura de sensibilidade marca uma verdadeira conquista espiritual. Bem hajam o maestro Blanch e a sua orchestra, que com tão desinteressada devoção e com tão honesto escrupulo artistico, levaram a cabo essa tarefa! Collaborou nessa memoravel audição o Orfeon Donostiarra, de San Sebastián, expressamente contractado para vir a Lisboa executar a parte coral da maravilhosa partitura.

Após a referencia a este acontecimento capital, temos que dividir o movimento musical em differentes capitulos, a saber: musica symphonica, coral, dramatica, de camara e de solos —que em todos estes campos temos motivo para notas.

No campo symphonico tivemos os costumados concertos semanaes das duas orchestras, respectivamente dirigidas por Pedro Blanch e Fernandes Fão, em que collaboraram solistas portugueses e estrangeiros e maestros estrangeiros, vindos a Lisboa a convite seu e, já mais para o fim da epocha, os da Grande Orchestra de Madrid, sob a regencia de Enrique Arbós. Pedro Blanch deu-nos, entre muitas novidades e *reprises* interessantes, a audição completa de todas as symphonias de Beethoven, incluindo a *Nona*, conforme assignalei já para traz. Fernandes Fão continuou a sua incansavel tarefa de educador e de revelador, executando innumeradas primeiras audições de musica nacional e estrangeira, a par das melhores paginas do repertorio já consagrado. Os concertos Arbós, que se distinguiram por um supremo grau de aprimorada correcção artistica, tiveram para nós ainda mais o attractivo de incluirem nos seus programmas algumas peças portuguezas, sendo particularmente notavel o concerto de homenagem a Vianna da Motta e Francisco de Lacerda, em que tomaram parte estes dois artistas e em cuja honra foram inauguradas, por essa occasião, duas lapides commemorativas no atrio do theatro de S. Carlos.

Em materia de musica dramatica, tivemos duas companhias lyricas —uma em S. Carlos, outra no Colyseu. A de S. Carlos deu-nos sómente opera franceza e foi bastante desigual no desempenho e na selecção dos artistas. Teve noites pessimas e noites magnificas. Para a salvar, porém, bastaria —quando mesmo outra coisa não houvesse— o facto de nos ter dado pela primeira vez em Portugal a obra-prima de Debussy *Pelléas et Melisande*, numa interpretação bastante expressiva e impressionante. Dessa companhia fizeram parte figuras inesqueciveis da scena lyrica, como Claire Croiza, a grande Croiza do *lied*, hoje transplantada para o theatro onde, apesar dum pouco cansada já, affirma gloriosamente a sua arte de *dizer* cantando, Germaine Lubin, de recursos wagnerianos, o tenor Lapellietrie, uma gloria do theatro lyrico francês e o barytono Dufrané, que ampararam com o seu talento e o seu nome os creditos da empreza. A companhia do Colyseu variou bastante o repertorio, teve noites

de Arte muito felizes e apresentou individualidades artisticas de relevo como, por exemplo, o notavel Fleta, que durante mais dum mez trouxe Lisboa fascinada, presa do encanto supremo da sua voz.

Em musica de camara foram notaveis os concertos do Quartetto Zimmer e do Trio de Paris, contractados pela Sociedade de Concertos de Lisboa, sendo ainda para assignalar os organisados pela Sociedade de Musica de Camara de Lisboa, instituição fundada entre nós vae para cinco annos e cujos sympathicos intuitos e alcance educativo nunca será demais fazer notar.

Em musica coral avançámos um grande passo. Conseguimos finalmente vêr realisado o grande sonho da formação entre nós dum nucleo disciplinado, homoganeo e bem equilibrado, de que ha muito a esperar. Refiro-me ao Orpheão Academico de Lisboa, organizado e dirigido por Herminio do Nascimento, o moço e talentoso compositor e sub-director do nosso Conservatorio, que pode ser considerado uma verdadeira auctoridade no assumpto. O Orpheão Academico apresentou-se em varios concertos publicos em Lisboa, sempre com o maior brilho, indo honrar altamente o nome português no Brasil, onde foi a convite da Academia desse paiz.

Concertos de solistas tivemos muitos, mesmo muitos, a ponto de ser impossivel só de memoria alludir a todos. Fallarei, pois, apenas dos que me lembram neste momento.

Vianna da Motta, como sempre, continuou a affirmar-se o rei dos nossos *virtuosi*. Deu alguns concertos a solo, verdadeiramente magistraes, e fez-se ouvir em varios outros com acompanhamento de orchestra, sendo sobre todos memoravel aquelle em que nos revelou o maravilhoso concerto em si bemol, de Brahms, monumento da litteratura pianistica, absolutamente desconhecido em Portugal, e no qual elle affirmou uma vez mais os seus recursos de artista excepcional.

Guilhermina Suggia fez-se ouvir em S. Carlos, tocando do encanto magico da sua divina Arte o seu violoncello feiticeiro, com o qual tem o poder de arrebatrar as almas que o escutam de joelhos.

No theatro de S. Carlos, por conta da Sociedade de Concertos, deu dois magnificos recitales o pianista Rubinstein.

Na Liga Naval teve grande relevo artistico o recital de canto de D. Adelaide Lima Cruz que, como professora, marcou tambem a sua auctoridade, apresentando periodicamente em sua casa, em audições

particulares interessantissimas, grupos de discipulas admiravelmente preparadas.

Emma Santos Fonseca, amadora de canto muito distincta e paciente investigadora de cousas musicaes, deu-nos uma serie de trez concertos historicos muito interessantes e educativos, a saber: *A canção em terras de França* (dos celtas ao seculo xviii), *Anthologia da musica vocal inglesa* (desde Ricardo Coração de Leão até Lord Berners) e *Os modernos italianos na musica vocal*, todos elles precedidos de conferencias, em que foram oradores, respectivamente, D. Alberto Bramão, Malhõa Migueis e Gastão de Bettencourt.

Fallando de iniciativas sympathicas e de investigações intelligentes, justo se torna não esquecer a acção preponderante de Eduardo Liborio, director do *Renascimento Musical*, um novo cheio de talento e de boas intenções, que como critico se tem affirmado uma verdadeira auctoridade, e que todo se tem devotado á causa do nacionalismo, realisando prelecções e concertos publicos em que tem feito uma sympathica campanha em favor da rehabilitação do nosso patrimonio musical. D'entre essas sessões foi muito notavel a conferencia subordinada ao thema *Da existencia duma modalidade nacional*, com demonstrações planísticas tambem de execução sua, levada a effeito na noite de 2 de Abril na Sociedade de Geographia.

D. Maria Amelia Teixeira, senhora brasileira muito amiga de Portugal, cantora e pianista amadora de muito talento, deu-nos, com o concurso dalguns dos nossos mais conhecidos artistas e amadores, numa serie de concertos realisada no Club Brasileiro e no Salão do Conservatorio, as melhores paginas da moderna musica portuguesa e brasileira.

Houve, ainda, no theatro de S. Luiz, dois concertos da cantora Maria Barrientos e Thomaz Terán, um, na Liga Naval, da pianista Carolina Peckzenic, outro, no Salão do Conservatorio, da cantora Elisabeth Nauroy, com a collaboração do maestro Francisco de Lacerda e da pianista Beatriz Coelho, uma das mais distinctas discipulas de Vianna da Motta... E quantos, e quantos outros que não me occorrem neste momento!...

D'entre as sessões musicaes realisadas em casas particulares —e bastantes foram tambem— não deixarei de registrar, pelo cunho supremamente esthetico e requintadamente mundano que revestiu, a *matinée* realisada em casa da Sr.^a D. Elisa Baptista de Sousa Pedroso

na qual a illustre artista se fez ouvir a dois pianos com Lourenço Varella Cid em obras de Mozart, Cesar Franck, Florent Schmidt, Germaine Tailleferre, Debussy e Manuel Infante e em que collaboraram igualmente em numeros de conjunto as distinctas amadoras de canto, D. Maria Amelia Cid Pereira Coutinho e D. Corina Freire.

Houve ainda notaveis audições de alumnos de differentes professores do Conservatorio e do ensino particular, destacando-se d'entre as de piano duas do professor Costa Reis —uma, inteiramente dedicada a Bach, e outra, com a collecção completa das rhapsodias de Liszt— e a dos discipulos de Vianna da Motta, em que este revelou uma vez mais como a sua personalidade de professor em nada fica a dever ao seu colossal nome de artista.

Em canto, marcaram as do professor Arthur Trindade —uma auctoridade, entre nós, no ensino da arte vocal— que tem na sua escola artistas como Rachel Bastos, Emma Cordeiro, M.^{lle} Pina Lopes e outras, e as de M.^{me} Mantelli, que no nosso meio tem realisado uma excellente obra educativa, revelando-nos verdadeiros talentos, como Violante Montanha, Luiz Macieira, Alfredo Cavalheiro, etc.

E por aqui ficam as minhas referencias ao anno musical passado. É possível que algumas omissões tenha commettido; mas, não pretendendo fazer um relatorio propriamente dito, apenas deixo anotados aqui os factos musicaes a que assisti ou de que até mim chegou noticia. Para com os outros não tenho obrigações. Que, tambem, isto de obrigações... Nestas cousas de sensibilidade, eu não as admitto. Em amor, disse-o Garrett. A respeito da Arte, affirmo-o eu —existem só devoções.

Outubro de 1925.

OLIVA GUERRA